

• **Aspectos psicológicos do uso patológico de internet** ¹

Psychological aspects of pathological use of the internet

Aspectos psicológicos del uso patológico del Internet

Ivelise Fortim ²

Ceres Alves de Araujo ³

Cadeira nº 39

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP)

Resumo: O objetivo é compreender a vivência do uso patológico de internet (UPI), a partir do autorrelato de usuários que se declaram “viciados de internet”. É pesquisa qualitativa, sendo um estudo documental, transversal e retrospectivo. Os dados são tratados: (i) usando o programa SPAD-T e (ii) usando categorias de análise, que são vistas pela psicologia junguiana. A amostra é de 189 sujeitos, que enviaram 278 mensagens, coletadas no período de 02/2001 a 06/2011, portanto, durante 10 anos. Os resultados indicam que, com relação ao principal uso abusivo da internet, na amostra, é utilizado para comunicação, para fins sexuais e para navegação. Quatro aspectos psicológicos mais apresentados são (i) dinâmica relativa ao controle: sensação de controle sobre as relações com os outros e sobre a imagem de si mesmo; (ii) o UPI, uma estratégia de *coping*, de enfrentamento da ansiedade; (iii) característica de as atividades da internet serem vistas, como ilusórias e como reais; (iv) papel libertador; seja de aspectos sombrios, de comportamentos sexuais, agressivos, seja de aspectos até conhecidos, mas pouco assumidos frente aos outros. Muitos usuários relatam consequências negativas graves, tais como prejuízos no trabalho, comprometimento social, prejuízos nos estudos, etc. Conclui-se que a internet não é nociva em si, mas pode proporcionar um uso patológico, com consequências graves para determinados usuários que estejam em situações fragilizadas e se utilizam da internet para alívio dos problemas. Muitas imagens da Teoria Junguiana, traduzem as vivências derivadas do UPI, indicando este enfoque ajustável à pesquisa realizada e a outras mais que dela se derivem.

Palavras-chave: uso patológico de internet, dependência comportamental, Psicologia Analítica.

Abstract: *The purpose is to understand the experience of pathological internet use (UPI) from self-reported users who declare themselves “internet addicts”. This is*

¹ Síntese da tese de doutorado defendida junto ao Programa em Psicologia Clínica – Núcleo de estudos Junguianos PUC / SP.

² Doutora em Psicologia Clínica (Núcleo de Estudos Junguianos) da PUC / SP, Mestre em Ciências Sociais, pela mesma instituição. Professora da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP nos cursos de graduação em Psicologia e de Tecnologia em Jogos Digitais. Especialista na abordagem Junguiana. Contato: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Rua Monte Alegre, 984 Perdizes, CEP: 05014-901, São Paulo, SP – Brasil. Telefones: (11) 3729-1791/ (11)99602-4017. E-mail: ifcampos@pucsp.br

³ Psicóloga com mestrado em Psicologia Clínica pela PUC/SP e doutorado pela UFSP. Analista Junguiana. Professora Associada da PUC/SP, Consultora externa do CFP e Professora da SBPA. Contato: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Rua Monte Alegre, 984 Perdizes, CEP: 05014-901, São Paulo, SP – Brasil. Telefones: (11) 99645-6078 / (11) 3842-5729. E-mail: ceres@pucsp.br

qualitative research, being a documental, transversal and retrospective study. The data are treated: (i) using the SPAD-T program and (ii) using analytical categories, which were analyzed by Jungian psychology. The sample consists of 189 subjects, who sent 278 messages collected in the period from 02/2001 to 06/2011. The results indicate that the most frequent use seems to be for communicating, for sexual purposes and for navigation. Four psychological aspects more presented can be highlighted: (i) on the control dynamics: the internet gives the user the feeling of great control over relationships with others and the self-image, (ii) PIU appears to be a process of coping with situations of stress and anxiety (iii) feature of internet activities are seen at the same time as illusion and as real; (iv) a liberating role, whether from dark aspects, of aggressive sexual behavior, or from aspects even recognized, but that are not assumed to others. Many users report serious adverse consequences, such as damage at work, social impairment, damage studies, etc. It is concluded that the internet is not harmful in itself, but may provide a pathological use with serious consequences for certain users who are in vulnerable situations and use the internet to relieve the problems. Many images of the Jungian Theory translate experiences derived from UPI, which indicate that this focus is adjustable to the research and to others that may be derived from it.

Keywords: *pathological Internet use, behavioral dependence, Analytical Psychology.*

Resumen: *El objetivo es entender la experiencia de uso patológico del internet (UPI), a partir de auto-reportes de usuarios que se declaran "adictos a Internet". Es una investigación de tipo cualitativa al ser un estudio documental, transversal y retrospectivo. Los datos son tratados: (i) a través del uso del programa SPAD-T y (ii) usando categorías y analizadas por la psicología junguiana. La muestra está conformada por 189 sujetos, que enviaron 278 mensajes, recolectados en el periodo del 02/2001 al 06/2011, es decir, en 10 años. Los resultados indican que, en relación al uso excesivo de internet más frecuente en la muestra es para la comunicación, para fines sexuales y para la navegación. Cuatro aspectos psicológicos que más se presentan son: (i) dinámica relativa al control: sensación de control sobre las relaciones con los demás y sobre la imagen de sí mismo, (ii) la UPI parece ser una estrategia de coping, afrontamiento de la ansiedad, (iii) características de la función de las actividades de Internet, siendo vistas tan ilusorias como reales y (iv) rol liberador, bien sea de los aspectos oscuros, como de la conducta sexual, aspectos agresivos que se conocen, pero poco reconocidos ante los otros. Muchos usuarios informan de las graves consecuencias negativas, como perjudicar el trabajo, los estudios, deterioro social, etc. Se llega a la conclusión que el Internet no es perjudicial en sí, pero puede proporcionar un uso patológico con graves consecuencias para ciertos usuarios que se encuentran en situaciones vulnerables y usan el internet para aliviar los problemas. Muchas imágenes de la Teoría de Jung traducen las experiencias derivadas de la UPI, lo que indica que este enfoque es ajustable para la investigación realizada y algunas otras que de aquí se derivan.*

Palabras claves: *uso patológico de internet, dependencia conductual, Psicología Analítica.*

Introdução

Com a popularização das novas tecnologias em meados da década de 90, muitas questões surgiram com relação ao uso dos computadores e, especialmente, da internet¹. Assim, novos comportamentos humanos parecem surgir; outros apenas são remodelados e modificados, como o chamado vício em internet. Os usuários chegam até a manifestar crises ou ataques de fúria quando estão desconectados dela, faltam ao cuidado consigo mesmos e/ ou com outros, podendo até levar a própria morte ou a de dependentes (Korkeila, Kaarlas, Jääskeläinen, Vahlberg, & Taiminen, 2010).

A proposta desta pesquisa é compreender a vivência do uso patológico de internet a partir do autorrelato de usuários que se declaram como “viciados de internet” (termo utilizado pelos próprios sujeitos), descrevendo aspectos psicológicos apresentados por estes participantes em suas narrativas livres, analisadas por um olhar junguiano.

Uso patológico de Internet

Os principais problemas relatados se referem à dependência psicológica, que inclui um desejo irresistível de usar a rede, com incapacidade de controlar seu uso; irritação quando não conectados e euforia assim que conseguem acesso. Têm obsessão pela vida virtual, não se importando pela vida presencial, como o sono, a alimentação, os relacionamentos *offline*. A preferência pela vida virtual em detrimento da presencial, pode trazer muitas consequências negativas, tais como colocar em risco relacionamentos importantes (casamentos, relações entre pais e filhos, etc.), prejuízos escolares e do trabalho (K. S. Young, 1996; 1997; 1999a, 1999b; 2005; 2007; 2008; 2010; K. S. Young, Pistner, O'Mara, & Buchanan, 1999; K. S. Young & Case, 2004; K. S.; Young, Yue, & Ying, 2010).

Abreu e outros (2008) acreditam que estes sintomas devam ser identificados como um tipo de Transtorno do Controle do Impulso, sob o código F63.9, no CID - 10. Este transtorno é uma categoria residual, à qual são relegadas síndromes que ainda aguardam validação – como a onimania, o impulso sexual excessivo, a dermatotilexomania, a automutilação recorrente e as chamadas dependências de tecnologias, como a de internet e videogame.

Alguns autores denominam o transtorno em estudo, como dependência comportamental (Carbonell, Guardiola, Beranuy, & Belles, 2009). Griffiths (2000; 2001, 2005) o define por seis critérios principais: *saliência, modificação de humor, tolerância, abstinência, conflito e recaída*. A *saliência* ocorre quando a internet se torna a atividade mais importante na vida da pessoa e domina os seus pensamentos sentimentos e comportamento. A *modificação do humor* refere-se às mudanças na vida afetiva resultantes de experiências subjetivas que as pessoas relatam ter como consequência de se envolverem em atividades na internet, que

294 ¹ Como os termos de informática provenientes do inglês já estão sendo assimilados pela nossa língua, optou-se por mantê-los no texto sem o destaque de itálicos, para facilitar a leitura.

podem ser consideradas como uma estratégia de enfrentamento (ou seja, elas experimentam uma sensação excitante ou, paradoxalmente, tranquilizante de “escape”). A *tolerância* é o processo pelo qual é necessária uma quantidade crescente de internet para alcançar os efeitos da modificação de humor. *Sintomas de abstinência* são os estados ou sensações desagradáveis, físicos ou psicológicos, que ocorrem nos períodos de ausência do uso da internet. *Conflito* se refere às discordâncias entre o usuário de internet e aqueles que o rodeiam, podendo haver discussões sobre o gastar muito tempo na internet. *Recaída* é a tendência para reversões repetidas aos padrões anteriores do uso excessivo de internet, apesar de períodos de abstinência (M. Griffiths, 2000).

Sanchez-Carbonell, Beranuy e outros. (2008), sintetizam os principais sintomas categorizados pela literatura como vício em internet. Caracterizam os sintomas: dependência psicológica, consequências negativas, tolerância e abstinência e outros. Segundo a revisão bibliográfica realizada por estes autores, a atividade se converte na atividade mais importante da vida do sujeito, dominando pensamentos e sentimentos; ao sujeito parece que nada é possível sem internet e que tudo gira em torno dela. Também ocorre prejuízo de atividades que não exigem o computador como são as relações sociais levando o indivíduo a isolar-se, dando exclusividade às interações virtuais. A conduta é persistente, apesar do desejo do usuário de controlá-la ou modificá-la. Uma vez conectado, ele tem dificuldades de interromper a conexão, passando mais tempo do que o pretendido, utilizando de diversas desculpas para não desliga-la e aumentando assim, o tempo de uso.

As consequências negativas estão relacionadas a prejuízos no trabalho, como faltas, baixo rendimento, colocando em risco de demissão ou em situações constrangedoras pela incapacidade de controlar o uso. Também são contabilizados prejuízos financeiros, às vezes por compras de itens virtuais; outras vezes, a dependência é a própria compra online. Prosseguindo com Sanchez-Carbonell, Beranuy e outros. (2008), outra consequência é o descuido consigo mesmo e com dependentes, como crianças e bebês, que passam a ter pouca importância para o usuário. Ainda entre as consequências negativas, estão os conflitos familiares. O uso excessivo faz com que o usuário descuide de relacionamentos familiares importantes, tais como o casamento, relação entre pais e filhos, relacionamentos com amigos que não os virtuais. Também são aumentados sintomas de abstinência, como as alterações do humor, irritabilidade, impaciência, inquietude, tristeza, ansiedade. Em casos extremos existe grande agitação motora, agressividade ou irritabilidade, ao não se conseguir a conexão.

Abreu e outros (2008) apontam para discordância entre os profissionais com respeito a dependência ou vício de internet. Os critérios de avaliação são diferentes, as escalas construídas para verificar a existência do problema são

diversas (Byun e outros., 2009; Czincz & Hechanova, 2009). Alguns autores acreditam na inexistência desta categoria diagnóstica (Warden, 2004; Wells, Mitchell, Finkelhor, & Blease, 2006); sendo que, o diagnóstico mais adequado para alguém que passa horas colecionando pornografia na internet seria o de compulsão por sexo, uma vez que o sujeito usaria a internet apenas como instrumento para a busca do material.

Ainda não há um diagnóstico psiquiátrico estabelecido nos manuais nosográficos, tais como o CID-10 e o DSM IV-TR. Houve discussão sobre a possibilidade de incluir a síndrome em estudo no próximo DSM-V (Block, 2008; Pies, 2009), mas o Conselho de Revisão decidiu que a mesma não poderia ser como diagnóstico devido ao número insuficiente de pesquisas. Entretanto, foi incluída no apêndice do livro, com o intuito de estimular maiores estudos sobre o assunto (Joviæ & Ćinđiaæ, 2011).

Será utilizado, no presente trabalho a designação “Uso Patológico de Internet” (UPI) para descrever os casos estudados. Acredita-se que o melhor termo para designar o problema é “uso patológico”, por ter sido possível verificar o uso da internet de forma patológica (Morahan-Martin, 2005; Charlton & Danforth, 2007; Johnson, 2009).

Núcleo de Pesquisas de Psicologia e Informática

O Núcleo de Pesquisas de Psicologia em Informática (NPPI), da Clínica Psicológica da PUC-SP oferta campo de estágio aos psicólogos interessados na área de estudo e pesquisa da psicologia e informática; trabalha com o desenvolvimento e supervisão de novas modalidades de serviços psicológicos informatizados, como o de Orientação Psicológica, via e-mail, nas modalidades chamadas de “Orientação Psicológica para temas gerais” e “Orientação sobre Vício (da internet)”. Trata-se de um serviço de orientação psicológica breve e focal, onde os usuários podem mandar mensagens e são respondidos por uma equipe de psicólogos. O relato mais detalhado dos serviços estão nos temas: “Serviço de orientação via e-mail: novas considerações”(Fortim & Cosentino, 2007) e “Orientação Psicológica, via e-mail, para casos de uso compulsivo do computador” (Duprat, Zacharias, Jotta, & Escaleira, 2008; Jotta, 2008).

A equipe de psicólogos não se preocupa em fazer diagnóstico e nem mesmo em fornecer tratamento, mas sim em acolher o sofrimento pelo qual o sujeito está passando e que ele o atribui à inabilidade de afastar-se da internet. A esse processo são incluídos, encaminhamentos, caso seja necessário, a serviços de atendimento presencial. Esta pesquisa engloba as mensagens recebidas por este serviço, com relação à designação “vício de internet”.

A dependência na abordagem junguiana

Há poucas referências específicas a dependências, tanto químicas como não- químicas na obra de Jung. Em “Estudos psiquiátricos” (1903/2011), o autor relata uma série de casos, onde faz referência ao alcoolismo e a “deficiência moral” em quatro pacientes. Apesar de Jung não se referir a estes casos como uma patologia específica, a muitos deles denomina como “diagnóstico de deficiência moral”, talvez hoje pudessem ser entendidos como dependências. Além de outros diagnósticos estabelecidos pelo autor era possível prever-se a manifestação de dependências químicas (o alcoolismo) e não- químicas. Será que a senhorita C. estudada por Jung (1903/2011), por exemplo, hoje poderia ser diagnosticada como compradora compulsiva, pelo relato de seu comportamento? A paciente gastava muito mais do que tinha, sem preocupar-se com sua situação financeira; “sentia-se compelida, ainda por muito tempo, a comprar chocolates quando passava perto de uma confeitaria. Distribuía-os às crianças na rua”; “para satisfazer suas paixões, tomava emprestado dinheiro de qualquer um e da forma leviana”. Jung apontava que esta paciente não apresentava alcoolismo, mas sim por um “forte abuso de doces” - talvez um transtorno alimentar compulsivo?

Mas, nesta época, não era assim que Jung entendia estes casos. Considerava-os como uma distímia maníaca. Para ele, o alcoolismo, a criminalidade e a insanidade moral eram sintomas dependentes do estado hipomaníaco. A contribuição importante de Jung, nesta época foi entender estes casos com um fator emocional preponderante, e não como uma questão de distúrbio mental. Considerava estas pessoas com *temperamento excessivamente sanguíneo* e que o processo intelectual estava calcado no emocional, contra o qual os argumentos e juízos racionais não eram capazes de influenciar a sua vontade.

Posteriormente, em “Tipos Psicológicos” (1921/1991) afirma que o alcoolismo é um dos perigos da Personalidade extrovertida, uma vez que está dependente da realidade exterior. No inconsciente pode haver uma ruptura em que os elementos subjetivos sofrem repressão. Uma vez reprimidos por razões culturais, poderiam levar à neurose ou ao abuso de narcóticos como o álcool, morfina, cocaína etc. Entretanto, Jung entendia que os homens eram mais suscetíveis ao alcoolismo e a outros vícios do que as mulheres, pois eram exteriormente mais fortes devido a sua lógica e objetividade masculinas.

A compreensão de Jung era de que as dependências como o alcoolismo poderiam ser um problema espiritual. É conhecida a troca de cartas entre Jung e Bill Wilson, um dos fundadores dos Alcoólicos Anônimos. Bill cita o caso de Roland, um paciente que Jung atendeu e que era alcoólatra, ao qual teria dito que talvez a única esperança para o paciente fosse uma experiência espiritual ou religiosa-uma conversão.

Nos estudos dos pós- junguianos há pouca literatura sobre as dependências comportamentais. O que se segue são as principais explicações para o fenômeno,

tomando por modelo a dependência química. É evidente que existem diferenças pelo fato das dependências não-químicas não envolverem o uso de substâncias e sim comportamentos, mas, para muitos autores, o mecanismo da conduta adictiva é bastante semelhante em ambos os casos.

O fenômeno das dependências é complexo e comporta diversas explicações, contudo foram encontrados quatro grandes troncos de explicação, dentro da Psicologia Analítica, para este fenômeno: o arquétipo do herói e seus ritos; uma relação com o dinamismo arquetípico dionisíaco; de simbiose / ruptura com o dinamismo matriarcal entre *Persona* e *Sombra*. As outras se referem ao gerenciamento de ansiedade e a outros problemas semelhantes que possam se desenvolver.

Com relação ao arquétipo do herói e seus ritos, Zoja (1992), Palomo (2006) e Bloise (2006) concordam em que na dependência de drogas há uma questão com este mito, seja ele visto como um herói negativo, seja como um herói que não consegue alcançar sua independência. O tipo de herói negativo dança com a morte, uma vez que as dependências químicas podem proporcionar uma experiência de morte e renascimento. Addenbrooke (2011) acredita que a questão com o herói é importante, mas também há o arquétipo da criança perdida e do curador ferido, que se constelam naqueles que não são mais dependentes, mas trabalham para ajudar os outros.

Já a questão com o dinamismo arquetípico de Dioniso é advogado por Bauer (1982), Loureiro e Lescher (2006) e Palomo (2006). A explicação se centra na questão de uma *Persona* apolínea rígida, que relega os aspectos dionisíacos para serem vividos na *Sombra*. No caso, tanto as dependências químicas como não químicas promoveriam uma sensação de libertação dos aspectos dionisíacos, uma vez que em nesses estão o deus do álcool e do descontrole. Apesar disto, Schoen (2009) discorda que esta seja uma boa metáfora para a dependência, uma vez que Dionísio mostra comportamentos de excesso e êxtase, contidos dentro de limites religiosos; o mito falaria sobre êxtase e não sobre dependência.

Silveira (1995), Perera (1999), Woodman (2002) e Oliveira (2004), centram a questão na relação com o dinamismo matriarcal. Haveria uma falta de estrutura patriarcal, onde o indivíduo é impulsionado para o universo matriarcal, uma vez que o dependente tem muita dificuldade com limites e regras. Também são apontadas as relações ambivalentes da figura materna.

Ainda outros autores acreditam que a explicação da dependência reside em uma questão da *Sombra* e da *Persona*. A explicação dada é de que há um forte distanciamento, por vezes uma cisão, entre *Persona* e *Sombra*. A *Persona* seria rígida e deseja a perfeição, relegando outros aspectos a *Sombra*. Seria uma forma de dar vazão aos aspectos sombrios. Essa postura é colocada por Leonard (1989), Naifeh (1995), Woodman, (2002), Cavaglioni (2008), Schoen (2009) e Addenbrooke (2011).

Outras explicações ainda se referem à evitação de estados sombrios da alma (Hollis, 1999); excessos de repressão e sacrifícios, resultando em alma faminta (Estés, 1999); aspectos sombrios do arquétipo do amante (Moore & Gillette, 1991); imagens que remetem ao vampiro e ao amante demoníaco (Leonard, 1989).

Método

Trata-se de pesquisa quanti - qualitativa, sendo um estudo documental, transversal e retrospectivo. O estudo foi conduzido de acordo com instrumentos e sujeitos discriminados a seguir.

Os participantes são usuários da internet que enviaram e-mails ao serviço de orientação citado, sobre o uso compulsivo do NPPI. A amostra é composta de 189 sujeitos, de ambos os sexos. O mais jovem da amostra relata ter 18 anos e o mais velho, 58 anos. Alguns usuários enviaram mais de uma mensagem para o serviço, totalizando assim 278 mensagens, que foram recebidas no período de fevereiro de 2001 a julho de 2011, portanto, durante 10 anos de coleta de dados.

Foi utilizado o programa estatístico SPAD.t (versão 1.5) para análise das verbalizações dos sujeitos (por frequência de palavras) , e posteriormente as mensagens foram lidas no seu texto integral, afim de categoriza-las, levando-se em conta não apenas a repetição dos termos, mas sim seu contexto e significado. Foi feita uma classificação das mensagens segundo as categorias propostas por Pinheiro (2000), que levam em conta a forma como o sujeito relata e descreve sua condição. As mensagens foram lidas e classificadas pela pesquisadora nestes itens e foi feito um levantamento de quantos usuários haviam fornecido espontaneamente essas informações. Por conta disto, houve uma ausência de dados, o que inviabilizou o cálculo de totais e porcentagens de algumas categorias, e portanto destas só foi possível exibir os dados brutos. Esse levantamento e classificação geraram tabelas que permitiram a montagem das categorias.

Esta pesquisa está ancorada na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que visa salvaguardar a autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade. O projeto "Aspectos psicodinâmicos do uso patológico de internet" foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob protocolo de pesquisa nº 102/2011. O comitê aprovou o protocolo de pesquisa em 30/05/2011, e somente após parecer favorável a pesquisadora iniciou coleta de dados.

Os participantes do Serviço Orientação sobre "Vício" (uso compulsivo de internet), quando enviam mensagem, são informados de que, pelo fato de estarem participando de um serviço vinculado a uma Clínica- Escola de Psicologia, podem ter seus dados utilizados para fins de pesquisa, desde que preservada a identidade deles.

Resultados e Discussão

Caracterização da amostra

Os e-mails recebidos têm uma forte característica de preservação do anonimato do sujeito e desta forma a equipe não pede quaisquer dados de identificação. Assim, para categorização dos sujeitos foram levantados, quando informados, sexo e idade. A amostra foi composta de 72% de homens e 28% de mulheres. Dos 189 sujeitos, 77 deles informaram sua idade; a faixa etária 18-23 anos (9% dos declarados) e 24-28 anos (27% dos declarados) parece ser a mais atingida. Poucos sujeitos relatam seu estado civil, sua localização e profissão, não permitindo assim maiores análises a respeito.

Análise das mensagens

A seguir, segue breve discussão sobre cada uma das categorias levantadas.

1) Como nomeia: Dos 189 sujeitos, 114 dão nome a este sofrimento. A questão é descrita pelos sujeitos que sentem seu problema como um “vício” (frequência de palavras no SPAD-t-78); dependência (frequência: 13); e “compulsão” (frequência: 7). Outros sujeitos dão diferentes nomes, tais como “cybervício”, “mania”, “obsessão”. Em parte, os termos são utilizados pela mídia, mas ao mesmo tempo situa o UPI como outras dependências comportamentais, como o “vício em drogas” e o “vício em jogo”, por exemplo.

2) Como descreve os sintomas físicos: Apenas 36 sujeitos relatam ter algum tipo de problema físico que atribuem ao UPI. Os principais sintomas apontados estão coerentes com as consequências negativas indicadas por Griffiths (2000; 2001; 2005): alterações de sono, de apetite e lesão corporal por esforço repetitivo. Também são coerentes as alterações que se referem ao excesso de horas defronte ao computador: cansaço físico e mental, dores pelo corpo; problemas na visão. Contudo, existem sintomas atribuídos que não necessariamente fazem parte do diagnóstico, tais com tabagismo e colesterol alto.

3) Como descreve o comportamento: A descrição se referiu especialmente a alguns itens mais frequentes: a) a frequência do uso, b) uso abusivo e c) principais consequências negativas.

a) Tempo de uso: Oitenta e quatro (84) usuários relatam quanto tempo passam na internet. Aproximadamente metade deles que informaram a quantidade de horas gastas defronte o computador, passam, em média, entre 6-12 horas por dia. Apesar do número de horas não ser o critério principal, é bastante expressivo o tempo que os sujeitos da amostra passam na frente do computador. Entretanto, outros usuários não atingem esse limite, ficando apenas 3 horas por dia. Parece

que para alguns usuários, o critério para considerar-se com UPI deve-se mais às consequências negativas do uso do que ao número de horas. Apesar de não ser o principal critério o número de horas gastas na internet, este é ressaltado por Tao, Huang e outros, (2010) que citam o emprego de acima de 5/6 horas por dia; ou acima de 40 a 78 horas, como apontava Young (1998).

b) Uso abusivo: Os usuários se utilizam de diversos aplicativos na internet, mas apontam um ou no máximo três deles como atividades consideradas como abusivas. Por exemplo, podem se utilizar de redes sociais, MSN, jogos, mas apontam que o uso problemático é o de pornografia. Assim, os usuários foram categorizados de acordo com seus usos abusivos principais; o critério foi retirado da própria mensagem, e não de uma avaliação externa do pesquisador. Ou seja, os dados foram classificados de acordo com o relato do sujeito e são apresentados com o dado brutos, pois foi inviável o cálculo de porcentagem.

Alguns sujeitos se dizem “viciados em internet”, mas não apontam nenhum aplicativo ou um uso específico. Por esta razão, foram classificados como “uso não informado”. Os usos abusivos mais apresentados são para: a) comunicação -conversa com conhecidos ou desconhecidos (75); b) obtenção de prazer sexual (41); c) navegação difusa, sem objetivo preciso (37); d) relacionamento amoroso - obtenção ou manutenção de vínculos sentimentais (18); e) obsessão amorosa (stalker); f) invasão de e-mails (2); jogos (27); coleção de materiais (textos, filmes, música, que não são utilizados) (3); construção de Personagens / (fakes), que são representados em diversos ambientes (6); trabalho/estudo (6); compras (3); assistir vídeos e ouvir música (12).

A comunicação pela internet tem características diferentes da face a face, tais como conversar com uma grande quantidade de pessoas de forma simultânea; permite que a comunicação seja frequente; está à disposição 24 horas por dia, 7 dias por semana. Em um momento de solidão ou crise, a internet ajuda a encontrar alguém rapidamente; permite ao sujeito ser acolhido no momento de sua necessidade. Assim, os amigos virtuais permitem a sensação de preenchimento do vazio. A solidão é um estado pantanoso da alma, como aponta Hollis (1999). A dependência dessa comunicação pode ser na verdade uma forma de lidar com esses sentimentos.

A amizade tem sido valorizada como apoio para as grandes crises do indivíduo. Barcellos (*apud* Souza, 2010) diz que o amigo é uma das facetas do arquétipo *fraterno*; porque possibilita vivências para definir quem somos, para ter um lugar no grupo e para se sentir pertencentes a ele. Os usuários usam a internet para encontrar parceiros e amigos, motivados pela necessidade de companhia. A comunicação via internet aparece como vivência ambígua, na qual se tem algum prazer, mas que, ao mesmo tempo, não satisfaz completamente. Os relacionamentos face a face, por sua vez, são menos controláveis do que os virtuais. Na rede, expõe-se o que quer, da forma que se quer. Caso necessário,

cria-se até uma Personagem para isso. Assim, por mais que o que é vivido na internet possa ter caráter ilusório, fornece ao dependente um espaço seguro para o alívio dos medos, de depressão e de abandono. O objeto da dependência, como apontava Perera (1999), pode cumprir esse papel, fornecendo um porto seguro.

Entre os sujeitos que informaram seu uso abusivo, há uma discrepância entre homens e mulheres que se consideram dependentes de sexo e material pornográfico. Outro número discrepante é o de mulheres dependentes de relacionamento amoroso, que são mais numerosas que os homens. Parece ser um dado que indica as diferenças da amostra com relação às projeções de Anima/Animus. As mulheres parecem se apaixonar por uma imagem de Animus idealizada, principesca, onde o relacionamento virtual aparece como um conto de fadas, de forma idealizada. Este apresenta tem várias facetas e uma delas é a presença de projeções, uma vez que os dados não obtidos do parceiro virtual são propícios para isso. Já os homens parecem ter uma imagem de Anima também idealizada, mas na forma da prostituta insaciável, perversa, fetichista, disponível 24 horas por dia. Alguns usuários praticam sexo virtual, que é uma prática interativa com outro ser humano, mas muitos têm um tom *voyerista*, apenas contemplando fotos e vídeos pornográficos, dos quais não participam: fazem parte da fantasia no ato da masturbação. Wahba (1997) acredita que o isolamento acentuado, a morbidez do uso de substitutos para a satisfação sexual podem representar uma sexualidade defensiva, perversa e regredida. Pode ser considerada patológica porque não faz uso da pornografia no jogo imaginativo do sexo, mas sim de forma solitária e substitutiva.

Em ambos os casos, a internet propicia um meio contato. É evidente que relacionamentos reais, profundos e intrinsecamente humanos podem resultar dos contatos estabelecidos na rede. Mas aqui estamos falando de relacionamentos que satisfazem parcialmente, e neste caso parecem ter a função de evitar o contato amoroso/ sexual mais complexo e menos controlado do que as relações virtuais proporcionam. Esse contato mediado parece ser, em primeira instância, um mecanismo de defesa com relação aos relacionamentos, que é vivido de forma ambivalente. Ao mesmo tempo em que se configura como defesa, também se configura como abertura. Apesar de não ser completamente satisfatório, apresenta uma possibilidade de relacionamento.

Com relação a utilização para fins sexuais, a rede parece ter um papel libertador, onde os indivíduos podem assumir fantasias de forma razoavelmente segura. Pode ocorrer cisão entre *Persona* e *Sombra*, com o usuário mostrando-se decente para a sociedade offline, mas tendo comportamento devasso na internet. Esta cisão é típica do dependente comportamental (mostrar-se como uma *Persona* aceitável e o lado sombrio na dependência). Na internet, os que ficam dependentes de atividades sexuais experimentam, como diz Bauer (1982),

o lado jubiloso e libertador de Dionísio. Como dizem Loureiro e Lescher (2006) o prazer da atividade está relacionado na experiência libertadora de ser uma outra pessoa, com vida erótica intensa. A internet cumpre, nessa situação, o mesmo papel do álcool e da droga, permitindo a liberação de aspectos sexuais banidos da *Persona*.

Ainda no campo dos relacionamentos, a obsessão amorosa parece ter sido potencializada pela entrada da internet. O ciúme e a obsessão sempre fizeram parte da vida humana, entretanto, nunca houve um instrumento desta magnitude para acompanhar a vida dos outros. As redes sociais permitem que uma grande quantidade de informação pessoal seja disponibilizada, alimentando o ciúme e fornecendo dados para “paranóias” pessoais. Elphinston e Noller (2011) acreditam que essa atitude torna-se cada vez mais frequente com a entrada das redes sociais, que potencializam o ciúme e as brigas entre casais.

Assim como a navegação, assistir filmes e ouvir música também são atividades cuja finalidade, além do prazer, é evadir-se da realidade, procrastinar tarefas. Por conta do formato MP3, que permite que grandes coleções de música sejam montadas, essa atividade parece hoje ter poder adictivo (Cockrill, Sullivan, & Norbury, 2011).

Um dos motivos muitas vezes apontados pelos usuários de RPGS virtuais como gerador de UPI é a possibilidade da criação de Personagens. Atividade muito conhecida e comum, especialmente nos tempos da internet predominantemente escrita é a criação de Personagens virtuais, presentes não apenas nos jogos, mas em diversas comunidades na internet. Chamados de “fakes”, (perfis falsos) em algumas comunidades, essa atividade é considerada como bastante adictiva, desde os primórdios do uso da rede, como já apontava Turkle (1997).

Com relação aos usuários que utilizam a internet para fazer compras, tem-se, assim como nos dependentes de sexo, um cruzamento com as dependências comportamentais já catalogadas. Nesse sentido, a internet age como um catalisador, instrumento que potencializa as dependências já existentes. Entretanto, com relação à dependência de sexo, muitos dos sujeitos apontam nela apenas virtual, e acreditam que o início de seus problemas está relacionado apenas à disponibilidade online, não apresentando dependência sexual anterior ao uso da internet.

c) As consequências negativas: As principais consequências negativas apontadas são os prejuízos no trabalho, nos estudos e o comprometimento da vida social. Nos três casos, isso se deve pelo fato do UPI tornar-se uma atividade que mantém a pessoa em frente ao computador. Isso não quer dizer, entretanto, que os sujeitos não saiam de casa; quer dizer que podem estar em casa, no trabalho ou no estudo, mas deixam de fazer atividades importantes para continuarem no computador, mantendo seu uso patológico. De forma geral, as

consequências negativas parecem estar em consonância com o que foi apontado por Sanchez-Carbonell e outros. (2008); Zboralski, Orzechowska e outros. (2009) Tao e outros. (2010) e Griffiths (2000; 2001; 2005).

4) Como explica: Neste item, 70 sujeitos forneceram uma explicação sobre o porquê achavam que tinham desenvolvido o UPI. As explicações dadas foram agrupadas em sete categorias: manejo de sentimentos negativos; fuga; suprir falta de algo; timidez; algum tipo de perda; controle sobre a vida dos outros e canal privilegiado de expressão.

Os usuários relatavam motivos diversos para explicar sua situação; cada um deles acabava desenvolvendo o UPI para enfrentar problemas diferentes. Em geral, o UPI parece ser uma estratégia de *coping* para diversas situações, difíceis na vida do sujeito, como estratégia para lidar com sentimentos ruins, fugir da realidade, suprir a falta de pessoas importantes, manejar a timidez e o luto de perda, seja por morte ou por separação. A fuga e o manejo dos sentimentos negativos são bem conhecidos como principais motivadores para o uso patológico da internet (Whang, Lee & Chang, (2003); Sanchez-Carbonell, 2008; Young e outros. 2010). O manejo de sentimentos ruins parece estar ligado ao que Hollis (1999) diz: o vício, a dependência, são formas de administrar a ansiedade e evitar o confronto com estados negativos e pantanosos da alma.

Com relação ao uso da internet para a fuga, Perera (1999) já havia apontado a dependência como a construção de um espaço transicional, um mundo ilusório entre a vida real e os problemas. Nesse sentido, a internet parece ser espaço privilegiado para a construção desses mundos transicionais, como já apontava Turkle (1997).

Por um lado, parece ser um instrumento positivo para lidar com a timidez e com a ansiedade social. Mas, ao invés de se utilizar a rede como um auxílio para superar seus problemas, os sujeitos a utilizam repetidamente, presos na roda de Ixion, como crê Hollis (1999). Quanto ao item canal privilegiado de expressão, muitos sujeitos entendem que a internet é um lugar importante para se expressar o que não se é, vendo nela um caráter libertador.

5) Como se sente: Os sentimentos com relação a dependência estão divididos em com relação ao pré uso, durante o uso e pós uso.

Os sentimentos que os sujeitos expressam no pré-uso são ambivalentes; sentem alívio e tensão por não estarem online. Esses sentimentos estão relacionados à abstinência (que incluem mau humor, irritação, etc.); as tentativas de controlar o uso (esforço para se manter desconectado) e saliência (a atividade mais importante e relevante do dia), como já demonstrado por Griffiths (2000, 2001; 2005). Chama a atenção um dos principais motivadores para voltar a estar online - a sensação de que alguma coisa está acontecendo e o sujeito não está

lá. Para estes sujeitos, é como se houvesse outra esfera da existência, não integrada com a offline e que tem compromissos, eventos, encontros paralelos à vida real. O prazer de estar online também está ligado a viver esta vida paralela.

Os sentimentos durante o uso também aparecem ambivalentes: ao mesmo tempo em que há prazer, há medo e ansiedade (os três sentimentos mais citados). Isso também é comum a outras dependências, tais como o jogo patológico, que foi apontado por Griffiths (2000; 2001; 2005) como uma das características do UPI

No pós-uso, sentimentos relacionados à culpa e à vergonha são presentes. A culpa pode se dever ao fato de se estar dispensando a companhia da família e amigos; por estarem enganando outras pessoas; por deixarem de fazer obrigações; por não conseguirem se controlar; por terem realizado atividade sexual considerada vergonhosa. Sentem-se culpados e envergonhados. Sentem ter perdido muito tempo com atividades inúteis e ter procrastinado o que é importante; sentem culpa de ter deixado o que importa de lado. Em diferença com outras dependências comportamentais, a internet parece promover um complexo mundo ilusório, que pode fornecer material para diversos tipos de dependência.

6) O que dizem os outros: Dos usuários, apenas trinta e quatro sujeitos se referem ao que outras pessoas dizem sobre sua condição de dependentes. São Personagens que aparecem nos relatos dos sujeitos, tais como amigos e familiares. De forma geral, estes aparecem especialmente quando a condição de uso patológico é questionada, ou quando há conflitos por conta do excesso ou tipo de uso. Destes, muitos relatam que há reclamação por parte de pessoas próximas, do tempo que passam na frente do computador.

7) Pedido ou pergunta: Trata-se da pergunta que o sujeito faz ao serviço, depois da sua descrição do problema. Da amostra, 79 usuários fazem algum tipo deste questionamento. A análise feita pelo SPAD-T mostra que as palavras “Ajuda”, “Orientação”, “Tratamento” aparecem com grande frequência.

A maioria dos sujeitos pede ajuda, orientação e pergunta se há tratamento para o que estão passando. A questão da normalidade também é bastante presente; o serviço é solicitado no sentido de decidir se o uso feito está dentro do limite do normal ou do patológico. Outras vezes, o serviço é solicitado a dizer como o sujeito pode “resolver” o problema, no sentido de haver técnicas ou atividades que o façam parar de ter o aludido comportamento. A solicitação também pode ser vaga, no sentido de que o sujeito não sabe ao certo o que fazer, mas pede para ser ajudado ou orientado.

Esses pedidos refletem diversas motivações para que o sujeito entre em contato com o serviço. Alguns usuários se encontram na fase em que começam a questionar, se o uso que fazem da internet é saudável. Pedem uma espécie de

diagnóstico que sirva de referência para si mesmo e para os outros; alguns discutem inclusive a existência do diagnóstico. Como se trata de assunto pouco divulgado na mídia, um fenômeno novo, ainda há a dúvida sobre se passar tempo demasiado online é um problema psiquiátrico.

8) Comorbidade: Em uma amostra de 189 sujeitos, apenas 30 relatam terem recebido outro diagnóstico que não seja de comorbidade. Os transtornos relatados podem ser agrupados, de acordo com o CID-10, nas seguintes categorias: Transtornos de Personalidade; Transtornos Neuróticos, Transtornos de Estresse; Transtornos do Humor. Ainda são relatados outros transtornos como o TDAH, Transtorno de Conduta e Insônia.

Aspectos psicológicos

Um dos aspectos psicológicos mais apresentados pelos usuários é a dinâmica relativa ao controle. A internet lhe dá a sensação de controle sobre as relações com os outros e um ambiente de estabilidade, ao passo que na vida offline estes não são sentidos; o sujeito temeria não ser amado, se si mostrar da forma como realmente é. Apesar de preferirem a interação virtual por estarem no controle, os usuários acabam perdendo o controle de si mesmos. A questão gira então na polaridade controle- descontrolado.

Outro aspecto psicológico importante é que o UPI é uma estratégia de *coping*, de enfrentamento. Os usuários recorrem à internet para se distraírem, se evadirem, obterem prazer, obterem suporte emocional. A internet temporariamente alivia de problemas, às vezes tornando-se o meio principal de se relacionar com os outros; às vezes proporcionando uma técnica muito eficaz de distração.

A questão se configura na difícil linha divisória entre uma estratégia bem sucedida de *coping* e a transformação em um problema em si mesmo. Iniciada como modo de enfrentamento, a estratégia é tão sedutora que acaba se tornando a única e a mais importante na vida do indivíduo, tornando-se um fim em si mesma. O prazer obtido por essas atividades mostra ser adictivo, o que faz com que a vida do indivíduo comece a ser restrita a internet. O prazer parece ser advindo do controle das atividades, da capacidade de evasão que elas podem proporcionar, da facilidade e disponibilidade do material sexual, do anonimato, da infinidade de informações.

Um aspecto psicológico importante está ligado ao conceito que se pode chamar de “Meio real”, visto ao mesmo tempo, como ilusório e como real, permitindo um “meio” relacionamento com as pessoas. É considerado ilusório porque não pode ser levado para fora do computador; ao mesmo tempo, proporcionam sentimentos e emoções muitos reais. A internet se revela, como um espaço transicional onde essas vivências podem ser feitas de forma segura. Ela deixa de ser concebida como transicional para ser um espaço permanente de uso

patológico. Torna-se então, um espaço constante em um mundo de transições, um ambiente estável, que para o usuário, não é encontrado na vida offline.

Inclui-se também o aspecto psicológico de que muitos sujeitos se utilizam da internet como tem um papel libertador. Seja de aspectos sombrios, de comportamentos sexuais, agressivos, seja de aspectos até conhecidos, mas pouco assumidos frente aos outros (como no caso dos tímidos), a internet dá a sensação ao usuário de que ali ele pode ser livre; pode ser quem quiser, sem censuras ou sanções sociais. Pelo fato de encontrar-se frente a um computador e não frente a uma pessoa, isso faz com que as barreiras defensivas sejam derrubadas e o sujeito possa mostrar-se como ele é.

Independente da classificação diagnóstica, os sujeitos relatam muito sofrimento no uso excessivo. Por isso pedem ajuda, orientação, um diagnóstico, um tratamento. A motivação pode ser às vezes por um sentimento de incapacidade de deixar o uso, às vezes por insistência de familiares, que sofrem a ausência do dependente.

O estudo cobre o período de 2001-2011. Apesar desse caráter retrospectivo, mostra dados importantes para se considerar o uso da internet hoje. Por exemplo, a amostra se refere bastante ao modismo das salas bate-papo (chats), importantes nas primeiras décadas da internet. Hoje, essa mesma comunicação se dá por redes sociais e usa-se o celular para manter essas conversas. Então, a imagem daquele indivíduo isolado na frente do computador não se configura mais da forma que é relatada aqui; atualmente, as vidas on e offline são mais mescladas do que nos conta a amostra. Com a utilização massiva da internet, não existem as classificações rígidas e separadas entre “amigos apenas virtuais” e “amigos apenas presenciais”. Os smartphones permitem acesso ao Facebook a todo instante, misturando a vida virtual com os acontecimentos offline.

Contudo, é muito difícil pensar que as atividades sexuais não sejam feitas em isolamento e às escondidas, portanto mesmo hoje os usuários patológicos de sexo virtual continuam sozinhos na frente da tela. Além disso, os jogos de MMORPGs requerem muito processamento gráfico do computador, e ainda hoje são predominantemente jogados em PCs, mantendo os indivíduos defronte ao monitor.

Como principal dinâmica psicológica, os dados da amostra permitem afirmar que há questão relevante com relação à *Persona-Sombra*. Apesar de cada sujeito ter sua dinâmica própria e seus motivos particulares para desenvolver o UPI, a explicação mais adequada é a de que o UPI permite uma separação entre *Persona* e *Sombra*, sendo um vivido predominantemente na vida online e outro vivido na internet. Uma rígida *Persona* na vida offline faz com que seja libertada a *Sombra* na internet. A criação de diversas *Personas* no mundo virtual também é possível, deixando a *Sombra* para ser vivenciada no mundo offline. Como os dados são coletados de mensagens, fica inviável tecer hipóteses sobre outras explicações.

Conclusões

A alegoria que ocorre para o UPI é a das Sereias Gregas, mulheres sedutoras que cantam para os marinheiros e os atraem. Incapazes de se conter, eles são destruídos e comidos assim que chegam perto delas. A internet parece ser um *infomar*, oceano cheio de ricas aventuras, peixes e inigualáveis tesouros. Mas há a sereia à espreita, figura ambígua (como o próprio uso patológico) que seduz, que chama, mas que pode destruir caso o indivíduo não consiga se conter.

Munidas de espelho (fronteira entre o mundo virtual e o real, instrumento que revela mas também pode iludir) cantam promessas de amor, glória e sabedoria, irresistível para marinheiros solitários. Seu canto representa uma força de atração que atinge algo que está para além das construções defensivas do Ego, mobilizando aspectos inconscientes da Personalidade. A música é utilizada para atrair, seduzir e convencer, ultrapassando todos os argumentos retóricos, morais e psicológicos. Assim parece o UPI, seduzindo com sua interface, sua promessa de mundo mágico, interminável e permanente. O canto da internet é por demais sedutor para alguns usuários, pois mobiliza conteúdos que eles mesmo desconhecem, ou que passam a conhecer por conta de suas vivências online. Entregam-se assim ao canto irresistível da sereia, mesmo sabendo que serão destruídos. O caráter irresistível da dependência e do uso patológico remete a esse canto.

As sereias na mitologia grega são vistas como mulheres com asas, ameaçadoras e vorazes. Ulisses passa por elas tampando os ouvidos de seus marinheiros. Ele próprio, entretanto, só consegue ouvir seu canto ficando amarrado ao mastro. Talvez a sabedoria esteja em navegar em um *infomar* sem ouvir suas seduções, ou considerar-se incapaz de resistir a elas e pedir uma contenção externa, que permita ouvir o canto sem ser destruído. Dizem que se alguém escapasse às sereias, elas deixariam de existir. Ulisses e Orfeu escaparam-se delas. Talvez quando as tentações consigam ser ignoradas, mesmo com artifícios externos (como a cera no ouvido), ou quando consigamos um canto mais belo que o delas (como Orfeu), as sereias deixem de existir e permitam uma navegação tranquila no *infomar*.

Referencias

- Addenbrooke, M. (2011). *Survivors of Addiction: Narratives of Recovery*. New York: Taylor & Francis.
- Bauer, J. (1982). *O alcoolismo e as mulheres: contexto e Psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Block, J. J. (2008). Issues for DSM-V: internet addiction. *Am J Psychiatry*, 165(3), pp.306-307.

- Bloise, P. V. (2006). O arquétipo do herói: dependência e desenvolvimento. In D. X. Silveira & F. G. Moreira (Eds.), *Panorama atual de drogas e dependências* (Vol. 1) São Paulo: Atheneu. pp. 273-279.
- Byun, S., Ruffini, C., Mills, J. E., Douglas, A. C., Niang, M., Stepchenkova, S., e outros. (2009). Internet addiction: metasynthesis of 1996-2006 quantitative research. *Cyberpsychol Behav*, 12(2), pp.203-207.
- Carbonell, X., Guardiola, E., Beranuy, M., & Belles, A. (2009). A bibliometric analysis of the scientific literature on Internet, video games, and cell phone addiction. *Journal of the Medical Library Association*, 97(2), pp.102-107.
- Cavaglion, G. (2008). Voices of coping in an Italian self-help virtual community of cyberporn dependents. *Cyberpsychol Behav*, 11(5), pp.599-601.
- Charlton, J., & Danforth, I. (2007). Distinguishing addiction and high engagement in the context of online game playing. *Computers in Human Behavior*, 23(3), pp.1531-1548.
- Cockrill, A., Sullivan, M., & Norbury, H. L. (2011). Music consumption: Lifestyle choice or addiction. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 18(2), pp.160-166.
- Czincz, J., & Hechanova, R. (2009). Internet Addiction: Debating the Diagnosis. *Journal of Technology in Human Services*, 27(4), pp. 257-272.
- Duprat, M., Zacharias, J., Jotta, A., & Escaleira, F. (2008). *Orientação Psicológica via e-mail para casos de uso compulsivo do computador*. Paper presented at the Anais da III Jornada do NPPI: Novas demandas, novos desafios, São Paulo- PUC-SP.
- Estés, C. P. (1999). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Fortim, I., & Cosentino, L. A. M. (2007). Serviço de orientação via e-mail: novas considerações. *Psicologia: ciência e profissão*, 27, pp.164-175.
- Griffiths, M. (2000). Does Internet and Computer "Addiction" Exist? Some Case Study Evidence. *Cyberpsychol Behav*, 3 (2), pp.211-218.
- Griffiths, M. (2001). Sex on the internet: Observations and implications for internet sex addiction. *Journal of Sex Research*, 38(4), pp.333-342.
- Griffiths, M. (2005). A 'components' model of addiction within a biopsychosocial framework *Journal of Substance Use - J SUBST USE*, 10(4), pp.191-197.
- Hollis, J. (1999). *Os pantanais da alma*. São Paulo: Paulus.
- Johnson, N. F. (2009). *The Multiplicities of Internet Addiction: The Misrecognition of Leisure and Learning*. Farnham: Ashgate Publishing Limited.
- Jotta, A. (2008). *Orientação Psicológica via e-mail do NPPI para usuários compulsivos de computador- um relato de caso*. Paper presented at the III Jornada do NPPI- Novas demandas, Novos desafios, São Paulo - PUC-SP.

- Joviæ, J., & Ðinðiaë, N. (2011). Influence of dopaminergic system on internet addiction. *Acta Medica Medianae*, 50(1), 60-66.
- Jung, C. G. (1903/2011). *Estudos psiquiátricos*. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1921/1991). *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Korkeila, J., Kaarlas, S., Jääskeläinen, M., Vahlberg, T., & Taiminen, T. (2010). Attached to the web - harmful use of the Internet and its correlates. *European Psychiatry*, 25(4), pp.236-241.
- Leonard, L. S. (1989). *Witness to the fire: creativity and the veil of addiction*. Michigan: Shambhala.
- Loureiro, C. S., & Lescher, A. D. (2006). Drogas: uma experiência dionisíaca. In D. X. Silveira & F. G. Moreira (Eds.), *Panorama atual de drogas e dependências* (Vol. 1). São Paulo: Atheneu.
- Moore, R. L., & Gillette, D. (1991). *King, warrior, magician, lover: rediscovering the archetypes of the mature masculine*: HarperSanFrancisco.
- Morahan-Martin, J. (2005). Internet Abuse: Addiction? Disorder? Symptom? Alternative Explanations? *Social Science Computer Review*, 23(1), pp.39-48.
- Naifeh, S. (1995). Archetypal foundations of addiction and recovery. *J Anal Psychol*, 40(2), 133-159.
- Oliveira, M. F. (2000). Sereias, laras e lemanjás: A sedução da Alma. *Junguiana: Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, 18.
- Oliveira, M. P. M. T. (2004). *Dependências: o homem à procura de si mesmo*. São Paulo: Icone.
- Palomo, V. (2006). Uma contribuição da psicologia analítica para a compreensão das farmacodependências. In D. X. Silveira & F. G. Moreira (Eds.), *Panorama atual de drogas e dependências* (Vol. 1). São Paulo: Atheneu. pp. 234-239.
- Perera, S. B. (1999). *Queen Maeve and Her Lovers: A Celtic Archetype of Ecstasy, Addition and Healing*. New York: Carrowmore Books.
- Pies, R. (2009). Should DSM-V Designate "Internet Addiction" a Mental Disorder? *Psychiatry (Edgmont)*, 6(2), pp.31–37.
- Sanchez-Carbonell, X., Beranuy, M., Castellana, M., Chamarro, A., & Oberst, U. (2008). Internet and cell phone addiction: passing fad or disorder? *Adicciones*, 20(2), pp.149-159.
- Schoen, D. (2009). *War of the Gods in Addiction*: Spring Journal, Incorporated.
- Silveira, D. X. (1995). *Drogas: Uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wahba, L. L. (1997). Esses bizarros objetos pornográficos. *Revista Junguiana*, 15, pp.50—58.
- Warden, N. L. P., James G.; Ogloff, James R. P. (2004). Internet Addiction. *Psychiatry, Psychology and Law*, Vol. 11, No. 2

- Wells, M., Mitchell, K. J., Finkelhor, D., & Blease, K. B. (2006). Mental Health Professionals' Exposure to Clients with Problematic Internet Experiences. *Journal of Technology in Human Services, 24*(4), pp.35-52.
- Whang, L. S., Lee, S., & Chang, G. (2003). Internet over-users' psychological profiles: a behavior sampling analysis on internet addiction. *Cyberpsychol Behav, 6*(2), pp.143-150.
- Woodman, M. (2002). *O vício da perfeição compreendendo a relação entre distúrbios alimentares e desenvolvimento psíquico*. São Paulo: Summus.
- Young, K. S. (1996). Psychology of computer use: XL. Addictive use of the Internet: a case that breaks the stereotype. *Psychol Rep, 79*(3 Pt 1), pp.899-902.
- Young, K. S. (1997). *What Makes the Internet Addictive: Potential Explanations for Pathological Internet Use*. Paper presented at the 105th annual conference of the American Psychological Association, Chicago.
- Young, K. S. (1999a). Internet addiction: Evaluation and treatment. *British Medical Journal, 7*, pp.351-352.
- Young, K. S. (1999b). The research and controversy surrounding internet addiction. *Cyberpsychol Behav, 2*(5), pp.381-383.
- Young, K. S. (2005). An empirical examination of client attitudes towards online counseling. *Cyberpsychol Behav, 8*(2), pp.172-177.
- Young, K. S. (2007). Cognitive behavior therapy with Internet addicts: treatment outcomes and implications. *Cyberpsychol Behav, 10*(5), pp.671-679.
- Young, K. S. (2008). Internet Sex Addiction: Risk Factors, Stages of Development and Treatment. *American Behavioral Scientist, 52*(1), pp.21-37.
- Young, K. S. (2010). Internet addiction over the decade: a Personal look back. *World Psychiatry, 9*(2), pp.91.
- Young, K. S., & Case, C. J. (2004). Internet abuse in the workplace: new trends in risk management. *Cyberpsychol Behav, 7*(1), pp.105-111.
- Young, K. S., Pistner, M., O'Mara, J., & Buchanan, J. (1999). Cyber disorders: the mental health concern for the new millennium. *Cyberpsychol Behav, 2*(5), pp.475-479.
- Young, K. S., Yue, X. D., & Ying, L. (2010). Prevalence Estimates and Etiologic Models of Internet Addiction. In K. S. A. Young, C. N. (Ed.), *Internet Addiction: A Handbook and Guide to Evaluation and Treatment*. John Wiley & Sons.
- Zoja, L. (1992). *Nascer não basta- Iniciação e Toxicodependência*. São Paulo: Axis Mundi.

Recebido: 20/08/2013 / Corrigido: 20/09/2013 / Enviado ao Parecerista: 21/09/2013 / Aceito: 03/10/2013.